

ADORNO, T. W. **Dialectica negativa**. In: O Conceito como ponto de Partida. Tradução de Silvia Rosa Silva Zanolla) – Madrid: Taurus, 1984, p. 156-158.

O CONCEITO COMO PONTO DE PARTIDA

Se o *ente* não existe imediatamente, senão através do conceito, parece que haverá de começar pelo conceito, não pelo simples dado. Mesmo o conceito de conceito chegou a ser problemático. Inclusive enquanto conceito, seus traços racionais se entrecruzam com tantos outros arcaicos como os de sua contraditória irracionalidade, a intuição: restos de pensamento e ideal cognitivo estáticos em meio a uma consciência dinamizada. O conceito tem uma exigência imanente de invariabilidade, que é a que cria a ordem frente à fluidez de seu conteúdo. Esta é negada pela forma do conceito e também nisso, “falsa”. Na dialética, o pensamento protesta contra os arcaísmos de sua forma conceitual. Antes de todo conteúdo, o conceito em si independiza sua própria forma frente aos conteúdos. Põe de pronto, o princípio da identidade; algo que é postulado simplesmente por sua utilidade para pensar, é tomado por uma realidade em si, firme e constante.

O pensamento identificante objetiva por meio da identidade lógica do conceito. A dialética, enquanto subjetiva, tende a pensar que a forma do pensamento já não converte seus objetos em imutáveis, sempre iguais a si mesmos; a experiência contradiz tal imobilismo. O transitório da identidade do que é firme na filosofia tradicional cai como manifesto de seu fiador; a consciência individual. Esta, como antecipação abstrata da unidade, tem que fundamentar, segundo Kant, toda classe de identidade. Realmente, o indivíduo maduro se recordará retrospectivamente com clareza de seu passado distante, enquanto existiu antes, com certa consciência. A consciência cria unidade, por irreal e inapreensível que lhe resulte sua infância. Porém, nessa irrealidade do eu recordado do que antes fomos o que potencialmente volta a identificar-se conosco se faz por sua vez um estranho e, deve ser pensado com distanciamento.

Tal ambivalência de identidade e diferença se manifesta inclusive na problemática lógica da própria identidade. A linguagem especializada seria para esta, quase a fórmula corrente da identidade da diferença. Imediatamente, haveria que contrapor-lhe a diferença pela identidade. Contudo, essa inversão meramente formal deixaria lugar à subentendimentos de que a dialética é então um meio de todo *prêmio filosófico como prêmio dialético*. A volta para o diferente é creditada em sua realização; de ficar como declaração, evocaria si mesmo. Inclusive, quando as filosofias tradicionais construíram, segundo o lema de Schelling, sua construção era propriamente uma reconstrução, incapaz de tolerar qualquer coisa que não houvesse sido digerido de antemão por elas.

Todos, incluído o heterogêneo e ao fim o espírito, o interpretaram como próprio e os converteu de novo em igual, idêntico; com um juízo analítico gigantesco repetiram a identidade sem deixar lugar para o qualitativamente novo. Profundamente fixado se encontra a mentalidade de que sem essa identidade estrutural a filosofia é impossível e se dilui em justaposição de constatações. A simples intenção de orientar o pensamento filosófico para o

diferente em vez de para a identidade passa por uma contradição; ou, reduz *a priori* o diferente a seu conceito e o identifica com ele?

Esse tipo de objeção evidente é demasiado radical e por isso demasiado limitado como quase todas as perguntas radicais. Há algo de uma escravidão do espírito do trabalho, que faz estragos no incansável recurso a instâncias superiores; o que não impede que a forma desse recurso retroceda cada vez mais diante daquilo que se trata de compreender e o deixe intacto.

A mesma categoria da raiz, a origem, representa a dominação, confirma o que primeiro foi apresentado porque surgiu primeiro; o nativo contra o imigrante, o sedentário contra o nômade. A origem atrai, porque não se presta a compromisso com o derivado, a ideologia; porém por sua vez é princípio ideológico. De Karl Kraus é uma frase que soa conservadoramente: “A origem é a meta”. Porém, nesta se expressa também, seguramente sem pretendê-lo, que o conceito de origem deveria ser privado de sua aberração estática. A meta não seria voltar à origem, ao fantasma da boa natureza, mas, que a origem corresponderia só à meta e só a partir desta se constituiria. A origem não pode ser buscada mais que na vida do efêmero.